

Conflito de gerações: como agem as crianças e os adolescentes de hoje?

Eles nasceram e cresceram num tempo em que Steve Jobs, fundador da Apple, é exemplo de vida pelas ideias visionárias e fazer só o que gosta... Ou pelo menos ter passado essa imagem. Para eles, *gadget* é uma palavra comum e no toque dos dedos eles "baixam" *apps* e têm o que precisam para se distrair e interagir com os amigos. Tudo é imediato, rápido e estão sempre em busca de algo que os satisfaça sem muita espera.

Quem tem filhos nas gerações Y, Z ou A sabe bem o que é esse perfil aqui descrito. Os jovens da Y são um pouco mais velhos, nascidos entre 1980 e 1994; os da Z, entre 1995 e 2000; e os da A, a partir de 2001. Mas qual a razão dessa classificação? O que adianta conhecer as características de cada uma delas?

As instituições de ensino e os educadores foram os primeiros a estudar cada geração, traçando planos e estratégias de trabalho renovadores e atrativos para essas novas gerações. No ambiente familiar, o desafio é similar: é preciso compreender a maneira de o filho interagir com o mundo e com as pessoas, para diminuir o já conhecido "conflito de gerações". Realizar essa tarefa é fundamental para que os pais consigam êxito no relacionamento com filho, formando uma pessoa mais satisfeita com a família, com as obrigações, com os relacionamentos interpessoais e consigo mesma.

Entender é tudo!

O primeiro passo é entender que as novas gerações são caracterizadas pela capacidade de fazer várias ações simultaneamente e pelo imediatismo nos resultados, o que pode resultar na impaciência. O contato intenso com novas tecnologias leva as crianças e adolescentes a assimilarem informações com mais agilidade e a terem mais sede por novidades. Disso pode

adivinhar mais rapidamente a perda de interesse pelas coisas e a ânsia por adquirir novidades com muita frequência. Confira algumas dicas:

Rede sociais

Não adianta os pais lutarem contra a maré. Os jovens das gerações citadas são "especialistas" em redes sociais e isso não vai mudar, apenas se transformar dia após dia. Uma pesquisa da *TNS Research International* mostrou que em sites de relacionamento, como *Facebook* e *Twitter*, os jovens interagem com cerca de 250 pessoas, entre amigos ou seguidores, e têm contatos diferentes em termos de raça, religião, orientação sexual, cultura e opinião política. Os pais precisam desenvolver habilidades referentes à tecnologia, orientar o uso correto, definir tempo para o estudo e o lazer e alertar sobre os riscos, sem criticar as novas tecnologias. É um erro achar que os jovens estabelecem só relacionamentos artificiais

A nova geração é mais questionadora, exigindo dos pais uma coerência ainda maior entre o discurso e a prática. Não cabe mais o ditado "faça o que eu digo e não faça o que eu faço".

pela internet. Estudos apontam que muitos jovens são mais verdadeiros e espontâneos quando estão conectados.

Senso crítico diferenciado

Quem faz parte das novas gerações está imerso no mundo da informação. Isso, em tese, desenvolve senso crítico elevado, exigindo dos pais uma habilidade maior diante das negativas, ou seja, dizer um "não" embasado. Como são muito questionadores, mais do que nunca é necessário que os pais tenham coerência no discurso e nas atitudes. Esqueçam o ditado "faça o que eu digo e não faça o que eu faço". Isso é contraproducente e errado.

Apesar de as gerações Y, Z e A terem características novas, há orientações que não mudam. Nem podem mudar. Uma delas é: não facilite!

Não há dúvida de que muitos pais do século XXI oferecem aos filhos facilidades que não tiveram em sua época. E com um detalhe: sem qualquer mérito ou esforço. Esse comportamento cria jovens e adultos insatisfeitos (pois é o esforço e a conquista que geram a satisfação), que não sabem lidar com problemas e frustrações. Dê metas para que seu filho conquiste o que deseja pelo esforço próprio e deixe-o viver com as consequências dos erros. Por exemplo: se ele não levou o material correto para a escola, deixe que vivencie as dificuldades e até sanções da escola.



Ano da Matemática: fazendo a lição de casa!

Em 1998, o diretor de cinema nova-iorquino, Darren Aronofsky, produziu um dos maiores clássicos da sétima arte envolvendo o tema Matemática: o filme *Pi*. Na história, um jovem gênio dos números, chamado Max, constrói um supercomputador que lhe permite descobrir o número completo do Pi, fazendo que ele enxergasse Matemática em tudo, inclusive em pequenas ações do dia a dia e também na natureza, o que lhe permitiu compreender toda a existência da vida na Terra.

Ficção à parte, é evidente que a Matemática está presente no cotidiano das famílias: compras, pagamentos, taxas, impostos, juros, estatísticas, análises gráficas no noticiário e na internet ou até numa simples compra de um picolé na rua.

Considerando o universo quase ilimitado dessa ciência e visando a excelência na aprendizagem, o Sistema Maxi de Ensino elegeu 2014 como o Ano da Matemática. Serão diversas ações dentro e fora da sala de aula com o objetivo de desmistificar o estudo da Matemática - não se trata de um "bicho de sete cabeças" - e motivar os estudos.

Entre essas diversas ações, o Sistema Maxi apresenta o tema aos pais e sugere que participem

Para as escolas conveniadas ao Maxi, 2014 será o Ano da Matemática. Em casa, os pais também podem reforçar esse importante tema.



como facilitadores no processo de aprendizagem com prazer da Matemática no cotidiano.

O papel dos pais

Em casa, cabe aos pais auxiliar na quebra do preconceito contra a disciplina - se possível, esquecendo-se das dificuldades que tiveram quando estudaram - e estimular o aprendizado dos filhos.

A editora Abril desenvolveu um guia, a partir de entrevistas com especialistas em Matemática e de universidades do País, que possibilita criar estratégias

para estimular os filhos a gostarem cada vez mais da disciplina. Confira:

- **Seja positivo:** mantenha uma postura confiante em relação aos desafios da lição de casa. Evite frases como "eu também nunca entendi essa lição" ou "é difícil mesmo".
- **Leve para a prática:** dê exemplos de como a Matemática é importante no dia a dia.
- **Ofereça apoio:** analise as dificuldades dele e se disponha a ajudar, mas não resolva os problemas para ele.
- **Estimule a descoberta:** não existe apenas um meio de chegar à resposta. Matemática é experimentação, deixe seu filho encontrar novos caminhos.
- **Não subestime a capacidade de aprender:** a criança deve ter condições de realizar sozinha os exercícios propostos pela escola. Caso isso não ocorra, tente verificar o motivo, conversando com a professora.
- **Nada de "decoreba":** Matemática não é ensinada na base da "decoreba". Isso é coisa do passado. A criança precisa entender o que significa $2 \times 2 = 4$ antes de saber "na ponta da língua" a tabuada do 2.

DICAS PARA APROXIMAR SEU FILHO DA MATEMÁTICA

- **Arrumar a mesa:** proponha que a criança leve os pratos, sem que fique faltando ou sobrando.
- **Dividir com os amigos:** proponha que divida um pacote de biscoitos ou balas entre amigos, dando quantidades iguais a todos.
- **Ajudar a cozinhar:** chame seu filho para fazer um bolo com você e faça perguntas: quantos ingredientes a receita tem? Qual é a quantidade de cada item? É suficiente?
- **Definir gastos:** determine um valor a ser gasto e mostre opções. Compare os preços e faça contas para decidir como gastar.
- **Fazer contas com brinquedos:** quando o seu filho estiver brincando com vários carrinhos, pergunte quantas rodas tem um carrinho, dois carrinhos ou três carrinhos. As pernas e braços de bonecas também rendem boas contas.
- **Organizar a mesada:** se seu filho ganha mesada e quer juntar dinheiro para comprar algo, pergunte quanto dinheiro falta e em quanto tempo ele terá a quantia que deseja.
- **Observar rótulos:** faça comparações entre produtos. Veja qual é mais calórico ou tem mais sódio, diferenças entre volumes e pesos, entre outros.



Ensinar a esperar é educar!

As consequências da falta de paciência

"Aquele que tiver paciência terá o que deseja". A frase é do cientista, jornalista e diplomata norte-americano, Benjamin Franklin, que ao pronunciá-la no século XVIII criticava a ansiedade da geração daquela época. Três séculos se passaram e o pensamento continua apropriado, especialmente nos tempos modernos, povoados de um exército de pessoas - crianças, jovens ou adultos - imediatista, ansioso e ávido por resultados rápidos.

Ser paciente não é tarefa fácil nem para os grandes nem para os pequenos. Pais e filhos sofrem juntos com a impaciência, seja pelas contingências externas, seja pela criação que não os educou na arte de "saber esperar".

O Maxi In Família entrevistou o psicólogo, professor de Psicologia e consultor educacional, Guilherme Davoli, autor de diversos livros, como *Admirando a tempestade e brincando com o vento* e *Vítimas e aprendizes da própria história*.

MAXI IN FAMÍLIA - O que a falta de paciência pode trazer de malefícios?

DAVOLI - Em primeiro lugar, devemos considerar que a paciência é resultante de um processo de aprendizagem. Quando nascemos, somos essencialmente impetuosos na busca por nossos desejos. O "aprender a esperar" e o "conviver com as perdas" sempre fizeram parte da educação familiar e escolar, favorecendo a convivência com as demais pessoas e situações. O primeiro problema da ausência dessa característica (paciência) está no desenvolvimento de um sentimento de "menor-valia" que, via de regra, leva a pessoa a

agredir (ou se agredir) diante das menores adversidades. Na fase adulta, pode haver grande dificuldade de trabalhar em equipe, desenvolver parcerias profissionais ou afetivas, incluindo malefícios à própria saúde física por meio de doenças psicossomáticas advindas dessa constante tensão.

MAXI IN FAMÍLIA - E na vida escolar, quais os prejuízos da falta de paciência?

DAVOLI - A atitude mais comum tem se revelado na dificuldade de convivência com colegas, educadores e funcionários das instituições, não se adaptando ao conjunto de regras tão vital ao bem-estar da coletividade. Não suportar esperas, não admitir que outros errem, não respeitar o tempo natural dos processos sempre foi - porém, muito mais nos dias atuais - um exercício inglório.

MAXI IN FAMÍLIA - Como ensinar paciência a uma geração imediatista? É um trabalho difícil?

DAVOLI - Difícil, porém absolutamente necessário, visto que esse imediatismo não é consequência direta de hábitos humanos e sim de uma pressão cada vez mais avassaladora da globalização, da tecnologia e da mídia como um todo. A informação, quando exagerada e sem aprofundamento, gera insegurança e desespero por resultados. Não podemos esperar que uma cartilha retome os níveis mais adequados de paciência, especialmente aos mais jovens, se o modelo adulto se mantém no mesmo estado de alerta. A mudança tem que ser cultural. Precisamos conhecer exemplos de sucesso que foram

alcançados com o tempo; precisamos nos reunir para debates a respeito de temas atuais, alicerçados em pontos éticos. O jovem precisa conhecer suas raízes para acreditar em seus frutos.

MAXI IN FAMÍLIA - Pais sem paciência e com uma vida corrida conseguem ensinar paciência aos filhos?

DAVOLI - Sem equilíbrio não se transmite equilíbrio, pois educação de filhos não pode ser considerada uma atuação teatral que visa passar uma determinada mensagem. A relação familiar se estabelece na rotina e na harmonia das atitudes. A questão da chamada vida corrida e sem tempo precisa ser analisada. Há muitos excessos e informações desnecessárias.

MAXI IN FAMÍLIA - É preciso esperar uma idade certa para "mostrar" aos filhos as dificuldades da vida?

DAVOLI - Os pais de algumas décadas atrás, quando proibiam, até abruptamente, que os mais jovens ouvissem suas conversas, estavam dizendo que aqueles quem têm 8 anos devem viver e sofrer os problemas de 8 anos, enquanto que os de 13 devem viver e sofrer com as histórias de 13 anos. O mundo adulto é dos adultos. Compreender as agruras da própria família pode até ser necessário em algum momento, mas sempre na linguagem que eles absorvam e tenham a possibilidade de aprender com o fato, e não simplesmente se desesperarem. Os pais também precisam esperar a hora certa de dividir suas dores com os filhos.



"Não podemos esperar que uma cartilha retome os níveis mais adequados de paciência, especialmente aos mais jovens, se o modelo adulto se mantém no mesmo estado de alerta."

Guilherme Davoli



Escola e família: juntas ou separadas?

"Não basta ao homem ser inteligente. Mais do que tudo, é preciso ter caráter. O planeta não vai ser salvo por quem tira notas altas nas provas, mas por aqueles que se importam com ele", afirma o filósofo norte-americano Ralph Waldo Emerson (1803-1882).

Nessa mesma linha, Howard Gardner, autor da Teoria das Inteligências Múltiplas, vem destacando o caráter e a coerência das atitudes como elementos essenciais dos cidadãos. Professor da Universidade de Harvard e na Boston School of Medicine, Gardner integra o grupo de pesquisa *Good Work Project*, que defende o comportamento ético.

E o que os pensamentos de Emerson e Gardner podem auxiliar os pais no desenvolvimento estudantil dos filhos? A resposta é: coerência!

A escola existe tanto para ensinar conteúdos, quanto formar integralmente o cidadão, preparando-o para a vida nos mais diversos aspectos. Não há realização para os educadores, quando um aluno nota 10 humilha os colegas, manipula as pessoas, ignora o senso coletivo, desrespeita os princípios básicos de cidadania e agride o meio ambiente. Aonde essa nota 10 o levará? Que bem fará esse aluno a si mesmo e à sociedade?

Da educação Infantil ao ensino Médio, a escola tem papel determinante na formação intelectual, emocional e afetiva dos educandos. Para que as orientações e modelos propostos pela escola sejam verdadeiramente incorporados pelos filhos, é necessário que os pais apoiem a proposta da instituição de ensino.

Escola e família em desarmonia são forças contrárias que impedem o aluno de avançar, estagnando-o em algo determinante: o comportamento moral e ético. Na educação Infantil e ensino Fundamental, algumas atitudes têm comprometido seriamente a proposta pedagógica das escolas:

■ **Quebra de protocolos, regras e horários:** pais que alegam que os filhos "ainda são crianças" e estão na escola para brincar. Mesmo na educação Infantil é necessário cumprir regras para que ocorra o desenvolvimento emocional, cognitivo e afetivo da criança.

Escola e família em desarmonia são forças contrárias que impedem o aluno de avançar, estagnando-o em algo determinante: o comportamento moral e ético.



■ **Viagens em período escolar:** ao priorizar o custo dos pacotes turísticos (normalmente menor no período chamado "fora de temporada"), os pais desconsideram o compromisso pedagógico e "ensinam" aos filhos que o lazer pode sobrepor-se aos estudos. Os alunos perdem conteúdos e provas.

■ **Falta de assiduidade:** nas primeiras séries, em especial, algumas famílias permitem que os filhos falem às aulas por questões cotidianas ou eventos sociais: festas, eventos, exposições, visita de familiares, conserto de carro, compras de mercado ou *shopping*, entre outros.

Daiana Ribeiro Silva, pedagoga e coordenadora da educação Infantil do Colégio Maxi de Londrina, cita algumas situações extremas: "Já houve um caso em que o filho ficou doente e precisou faltar. O irmão exigiu o mesmo direito e os pais acabaram cedendo. É a chamada ditadura infantil, em que os pais não confrontam seus filhos. Em outro exemplo, a mãe fazia a tarefa junto com o filho, no refeitório da escola, minutos antes de a aula começar, desconsiderando toda a orientação da escola, que é ter um horário e local apropriados para a tarefa, criando uma rotina."

No Fundamental 2 e Médio, o comportamento de alguns pais também podem prejudicar:

■ **Descompromisso:** pais que levam os filhos quando

saem, chegam tarde da noite e nem se importam com a tarefa escolar.

■ **Falta de senso coletivo:** estacionar em fila dupla na entrada ou saída da aula, causando transtornos no trânsito e prejudicando outras pessoas; burlar fila, prazos ou procedimentos para favorecer o filho ou ganhar tempo.

■ **Na frente do filho:** falar mal da escola, criticar normas, desprezar as solicitações dos professores, rejeitar orientações, desqualificar os educadores, entre outros, levando o filho a desmotivar-se com a escola e com os docentes.

■ **Local errado:** deixar o filho fazer tarefa na sala de casa, com a televisão ligada, ou em locais impróprios, que não favorecem a concentração.

■ **Descompromisso com atitudes de cidadania:** não economizar água e luz, não reciclar lixo, faltar com o zelo pela limpeza de espaços públicos, entre outros.

Em contrapartida, os pais parceiros da escola, que seguem as orientações ou procuram a direção ou os educadores em caso de discordância, sem expor as contrariedades na frente dos filhos, ajudam tanto a escola quanto os filhos. A escola é favorecida ao receber um *feedback* e as crianças e adolescentes não ficam desorientados, pois não terão duas informações contrárias.

SISTEMA MAXI DE ENSINO Av. Portugal, 155 - CEP 86046-010, Londrina, Paraná Fones: (43) 3372-1300 ou 0800 400 76 54 / Fax: (43) 3372-1310 - www.sistemamaxi.com.br

VICE-PRESIDENTE DE PRODUTOS E SERVIÇOS PEDAGÓGICOS DA ABRIL EDUCAÇÃO: Mário Ghio Jr. DIRETOR-GERAL DO SISTEMA MAXI DE ENSINO: Carlos Piatto
COORDENAÇÃO DA ASSESSORIA EDUCACIONAL: Daniel Augusto Ferraz Leite COORDENAÇÃO DO EDITORIAL: Heleomar Gonçalves COORDENAÇÃO DE MARKETING: Morgana Batistella
SUPERVISOR EDITORIAL: Joaquim Luís de Almeida

JORNAL MAXI IN FAMÍLIA Coordenação geral: Morgana Batistella Produção: AsaTait Editoração S/C Ltda - Telefone (43) 3338-9033 - Londrina (PR) Jornalista Resp.: Angela Tait - MTb PR 3118
Redação: Angela Tait e Victor Lopes Colaboração: Diogo Ribeiro e Ana Cecília C. Santos Fotografias: Arquivo do SME Ilustrações: Claudia Brito Tiragem: 110.000 exemplares Impressão: Grafintort

SISTEMA
Maxi
DE ENSINO

Abril EDUCAÇÃO

